

# A IDADE JUVENIL: Aurora da Alma

É sabido que o adolescente se compraz nas mais rudes formas. Gosta da rusticidade, como se a incultura fosse seu fim supremo. Não é assim com todos, nem sempre; porém é o que salta à vista na maioria das vezes, principalmente quando os jovens se encontram reunidos em grande número e quando, ao mesmo tempo, querem "impor-se" ao adulto. Mas a compreensão psicológica não deve deter-se em máscaras tão transparentes, pois tudo isto é somente uma estrutura protetora. Na superfície são tal como se apresentam; porém, em suas capas profundas o espetáculo é muito diferente, e, para não deixar-se ver, colocam-se na superfície de seu ser logo que entram em relação com pessoas que não lhes são íntimas. E com tanto mais ardor se concentra em segredo o anelo de expressão. O conteúdo, por longo tempo, tende a sair à luz.

Por fim, somente temos, diante de nós o adolescente em seu verdadeiro modo de ser, quando nos atemos às testemunhas sobre si mesmos que nascem do anelo de expressão. Todo o demais é envoltura, autoproteção, defesa.

E por que isto?

Porque se desgarrou no adolescente algo que até aqui o mantinha em união vital com o mundo. Há surgido um profundo abismo, como se tudo fosse estranho e inacessível. Por isso veste a autoproteção. Porém, por trás disto vive o anelo. Não há homem que olhe para fora de sua prisão tão ansiadamente como o jovem. Não há ninguém que sinta em sua profunda solidão tanta sede de contato e de compreensão como o adolescente. Não há ninguém que clame tanto na distância.

Mas deste anelo brota uma força, que busca transpor o abismo, força que estende a ponte entre o eu e todas as coisas e pessoas arrebatadas dele, e as introduz de novo na vida própria. Esta força é a fantasia.

Rechaçamos a denominação de fantasia para a visão infantil do mundo, porque o caráter de irrealidade que contém para nós esta palavra não existe para a criança. Contudo, não podemos considerar apenas que o adolescente tem sempre consciência de que se limita a sonhar. Ainda meio criança, o adolescente considera como parte da realidade muitas coisas

que somente leu em suas entrelinhas ou que inventou, elevando-se acima da própria realidade. E, no entanto, esta fantasia é de índole muito diferente da infantil, aproximando-se paulatinamente à ilusão consciente do adulto.

A chamada fantasia da criança é um diálogo com as coisas, isto é, a criança vive com as coisas sem ter consciência de ser ela mesma quem as anima. O adolescente tira tudo de dentro, verte-se sobre as coisas. Sua fantasia não apresenta o caráter ingênuo da unidade, mas sempre o da busca anelosa e da recuperação. Não se pode representar um adolescente sem anelo; não teria vida interior.

Se esta estrutura psíquica é considerada desde o ponto de vista de suas relações de sentido transcendente, as quais permanecerão ocultas, naturalmente, ao próprio adolescente, descobrimos com facilidade sua função determinada no processo da evolução psíquica.

A fantasia que se projeta anelosamente nas coisas é um meio de ampliação das almas. É, ao mesmo tempo, por força das leis formais criadoras, inerentes a ela, como um meio de formação das almas. Com a crescente maturidade, a função deste órgão vai sendo relegada a segundo plano. Quando o homem terminou de formar-se, este órgão acha-se quase moribundo, e então, à noite, vai ao teatro e ao concerto para tomar emprestado algo da abundância alheia e mobilidade de vivências, porque "de dentro" já não brota nada. Somente nas naturezas que têm um rico desenvolvimento permanece viva a fantasia por longo tempo, sobrevivendo renovadas puberdades.

A fantasia do adolescente, porém, não implica necessariamente uma verdadeira faculdade de criação artística. Serve apenas à formação do eu, não à criação de obras. E, embora seja certo que nos gênios artísticos subsistem alguns traços da puberdade por mais tempo que no comum dos mortais, há sem dúvida outros aspectos que distinguem rigorosamente o artista genuíno — com sua força criadora objetiva — da subjetividade cativa de si mesma, própria da época púbere.

A vida de fantasia do adolescente manifesta-se em distintas formas. Não é a mesma coisa a fantasia que se apodera da matéria de uma vivência realmente dada, presente, e a trans-



forma (fantasia aperceptiva ou restrita), e aquela que, por assim dizer, irradia no espaço vazio de um mundo imaginário as livres criações da intimidade (fantasia livre).

Uma criança pode viver em e com a natureza, porém não "vive" a natureza. Separa dela certos conteúdos psicologicamente importantes e neles se fixa. Pode sentir-se bem vivendo no seio da natureza, assim como em outras circunstâncias aterra-se ante os seus horrores. Porém tudo isto vegetativamente ainda. As relações com a natureza, que são de primária importância para a vida da criança, somente se desenvolvem lenta e tardiamente. Tampouco o adolescente chega a ter consciência reflexiva das relações afetivas que se fundamentam na projeção sentimental e têm, portanto, caráter estético; mas estas existem como vivências de uma modalidade peculiar. Dito de outra forma: a criança é ainda uma parte da vida da natureza, no sentido daquela recordação de Holderlin:

"Quando eu ainda brincava em torno de teu véu e ainda pendia de ti como uma flor..."

A própria imagem da natureza parece mudar com nossa organização interior. O adolescente já se desprende, já se fez independente, em um ponto central de seu interior. Já não vive integralmente na natureza, porém trata de recuperá-la e de fazê-la compreensível, infundindo nela seus sentimentos até onde é possível, ou descobrindo em um ato de adivinhação poética o estado afetivo e a alma dela. Este gozo da natureza é sentimental, isto é, fortemente subjetivista; é demasiado íntimo, para que possa entrar na alma a grande e livre natureza objetiva, como é possível nos espíritos totalmente maduros que se fizeram de novo "ingênuos". Por exemplo, Goethe.

Desta forma, o grau e a firmeza do sentimento da natureza no adolescente é proporcional ao grau do despertar interior.

A ninguém poderá surpreender que esta relação "estética" com a natureza, que se desperta na adolescência, tenha um forte eco metafísico. É o que nos mostra a seguinte lembrança de Félix Dahn: "O mais estranho era uma profunda melancolia, uma nostálgica tristeza que, sem que pudesse entrar em jogo o temor de nenhum perigo, já quando menino surpreendia-me com frequência no jardim, ao entardecer, principalmente na primavera e no verão, não no outono — quando as folhas caem, a névoa e o temor do inverno fazem facilmente explicável tal sentimento. Não; este me sobrevinha na tarde do mais belo dia de verão. Quando me havia cansado de brincar e o velho Jacobo havia abandonado o jardim, depois da faina do dia — meus pais estavam no teatro —

sobressaltava-me um impulso irresistível de escutar sem alento a solene calma da noite entrante. Primeiro soavam os sinos de São Luís. E então, de meus olhos brotavam, em torrentes, ardentes e amargas lágrimas. Era a morte, era o fim de toda a vida, era a extinção, inevitável, de todo o belo, a morte eterna".

A solidão interior, a melancolia, os anelos e os pressentimentos religiosos, todas estas coisas justas correm a refugiar-se, por assim dizer, no coração da natureza, que parece compreender tais estados de ânimo. Porém, em realidade, a natureza somente constitui o fundo sobre o qual se desliza o curso do movimento interior, como resultado de dois fenômenos característicos. Pode-se estudar a dialética deste sentimento da natureza em testemunhos literários, cujos autores conservaram a íntima mobilidade afetiva da puberdade, ora efusão entusiástica, ora fruição melancólica, ora renúncia dolorosa, em anos nos quais costumam haver-se acalmado as tormentas da época de evolução. A "Nova Heloísa", o Werther e a poesia da primeira época do romantismo, em especial a de Holderlin e de Novalis, oferecem uma multiplicidade de confissões sobre o sentimento da natureza, que repetem o mesmo tipo.

Este sentimento, já no adolescente, se adere com predileção aos chamados fenômenos românticos da natureza: a noite encantada sob o resplendor da lua, o céu estrelado, o silêncio do bosque, o lago em tranqüilo repouso, as cascatas, o mar, as montanhas cobertas de bosques, a tormenta, a tempestade, o entardecer. E com frequência, robustecendo a impressão, se agregam as associações históricas: as ruínas, as antigas cidades, os monumentos que fazem falar a paisagem.





Os sonhos cruzam toda a vida de vigília dos adolescentes; são quase sempre sonhos nostálgicos, um secreto impulso de introduzir em si, de novo, o mundo perdido. Podem tomar as mais diversas formas; porém, sob e por detrás destas, está, como sentimento dominante da idade, um "anelo sem objeto". Este sentimento se desborda como entusiasmo infundado que chega até o arrebatamento heróico, tão pronto como uma melancolia infundada que chega até a idéia do suicídio e o anelo da morte.

É conhecido como os jovens ficam subitamente imóveis, como se ensimesmam, entrando em seu segundo mundo, que para eles é propriamente o primeiro. Estes sonhos consistem muitas vezes em tramar os fios do vivido, ou sonhos em que se realizam os desejos de fantasias sobre o futuro, entretidos fragmentos da realidade em torno dos quais gira a livre imaginação criadora, que se move na maior parte das vezes ao redor do próprio eu enigmático.

O jovem sonha representando-se um gênio, um príncipe, um eleito. Foge gostosamente com o pensamento a países distantes e a tempos antigos, porque oferecem uma escassa resistência real. Poetiza as pessoas que conhece. O romantismo criou para tudo isto um símbolo: a flor azul. Às vezes, estes tecidos de ficção condensam-se em verdadeiras novelas, que seguem durante vários anos prolongando-se até a madurez da vida. As figuras que representam os principais papéis são, com frequência, nos caracteres fundamentais, uma representação do próprio eu. Naturalmente, tudo isto pode multiplicar-se parasitariamente e sufofocar a sadia vida diária.

O súbito extravio do adolescente é completamente enigmático para o observador superficial. Porém, talvez, subordina-se com pleno sentido à segunda série de motivações que corre sob a chamada normal e real da vida. Quem quer compreender, necessita conhecer estas profundidades.

Estas novas forças constituem a condição prévia para o gozo da arte. A vida estética não falta completamente na infância, mas somente com os anos de evolução desperta a verdadeira vivência da arte, que se eleva sobre o simples gozo dos sentidos, das formas e do prazer causado pela posse de certos objetos.

A arte tem sua importância para a evolução, pois a função da criação artística no adolescente é ser expressão do flutuante mundo interior do eu.

A arte do adolescente é algo que responde ao impulso de expressar-se a si mesmo integralmente, e de alcançar no processo de uma primitiva objetivação uma espécie de autoliberação.

Esta tese encontra sua confirmação no fato de que se elegem, preferentemente, para os en-

saos artísticos — salvo no caso de uma direção específica dos dotes pessoais — aquelas artes que, por material ou meios de expressão, opõem a mínima resistência à livre pintura do mundo interior das vivências. A poesia ocupa o primeiro lugar, vindo em seguida o teatro, a dança em seu sentido mais amplo e, por último, a música. Em troca, as artes cujos meios de expressão e cujos objetos estão estreitamente unidos com a realidade e são difíceis de dominar, retrocedem agora de um modo surpreendente. É bem demonstrativo o fato de que cessa então o gosto pelo desenho, não somente porque começa a autocritica, senão porque neste difícil terreno não se logra expressar o que propriamente se queria dizer. Estas artes necessitam ser aprendidas; e por isso não interessam ao adolescente.

Quanto ao impulso poético na adolescência, é necessário advertir que na grande maioria dos casos não existe um verdadeiro dom, mas significa um mero fenômeno da evolução, ainda que certamente não muito valioso. O sentido inerente a este impulso reside muito mais na formação de si mesmo do que na criação de uma obra. Também a maioria dos jovens cessam por si mesmos de fazer poesia quando o processo evolutivo chega a seu primeiro termo.

A diferença entre a poesia da infância e a da adolescência é sensível. O propósito da criança é a imitação do já poetizado. Não há por trás nenhuma vivência original.

Quando se faz poesia, tirando-a da própria vida, ainda que seja aos 9 ou 10 anos, algo despertou na alma do jovem. Ao menos em uma região de seu ser começou a puberdade.

Em geral, esta floração estética da alma juvenil está inserida em complexos vitais que têm uma significação muito mais profunda que a de ser "mera arte". E se os jovens ficam na criação externa, muito por detrás das severas exigências da "verdadeira arte", colhem em troca, em si mesmos, com seus sonhos e fantasias, algo que se acerca mais ainda ao ideal. As palavras de Platão, de que o poeta, como imitador da vida, é somente um criador de terceira categoria, resultam verdadeiras enquanto a própria arte seja somente um reflexo exterior daquela forma interior e daquelas forças formais que regem o desenvolvimento da alma. Por este desenvolvimento interior sonham-se todos os sonhos do artista. Neste desenvolvimento se consome toda a desbordante energia da criação artística. Porém o foco de tudo isto é, na adolescência, a íntima produção do ideal.



LUCIA BENFATTI

(Baseado na obra de EDUARD SPRAN-GER —

"Psicologia de la Edad Juvenil").